



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

KATIANA LOURENÇO NUNES

Linha de Pesquisa: Metodologia do Ensino da Geografia

GEOGRAFIA E LIBRAS: Um estudo sobre o ensino da Cartografia para estudantes surdos/as

GUARABIRA

2018

KATIANA LOURENÇO NUNES

GEOGRAFIA E LIBRAS: Um estudo sobre o ensino da Cartografia para estudantes surdos/as

Artigo apresentado como Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Geografia á Universidade Estadual da Paraíba, como requisito total á obtenção do título de Graduado em Geografia sob orientação da Profª Francyllayans Karla da Silva Fernandes.

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N972g Nunes, Katiana Lourenço.
Geografia e Libras: [manuscrito] : um estudo sobre o ensino da Cartografia para estudantes surdos/as / Katiana Lourenço Nunes. - 2018.
33 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Esp. Francyllayans Karla da Silva Fernandes, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."
1. Ensino de Geografia. 2. Cartografia. 3. Surdez. I. Título
21. ed. CDD 372.891

KATIANA LOURENÇO NUNES

**GEOGRAFIA E LIBRAS: Um estudo sobre o ensino da Cartografia para
estudantes surdos/as**

Artigo apresentado como Trabalho de conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Geografia à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Geografia sob a orientação da Prof. Francyllayans Karla da Silva Fernandes.

Aprovada em: 13/11/2018.

BANCA EXAMINADORA

Francyllayans Karla da Silva Fernandes
Prof. Esp. Francyllayans Karla da Silva Fernandes (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Cléoma Maria Toscano Henriques
Prof. Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Michèle Kely M. Santos
Prof. Ma. Michèle Kely Moraes Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a minha mãe Silvana Lourenço, minha grande incentivadora e companheira nos momentos mais difíceis da minha vida, sem ela este trabalho não seria possível, e a toda comunidade surda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido o dom da vida, pela saúde e força para concluir mais esta etapa em minha vida.

Á minha professora de Libras e orientadora Francyllayans Karla que graças as suas aulas e conhecimentos compartilhados que me inspirou e despertou-me o interesse por esta área de pesquisa, obrigada pelas orientações e, sobretudo pela paciência!

Aos meus pais, pelo grande apoio e incentivo, em especial a minha amada mãe que sempre me apoiou, principalmente nos cuidados com meu filho Nicolas enquanto eu estudava, muito obrigada mãe! Não tenho palavras para agradecer seu carinho e dedicação.

Ao meu filho Nicolas por me proporcionar momentos de felicidade, amor, paz, e experiências diárias com a Educação.

Ao meu amor Genivaldo, por todo apoio e carinho, por me incentivar nos momentos em que pensei em desistir, pelas longas conversas, as quais sempre me motivaram a continuar e a correr atrás dos meus sonhos!

A minha grande amiga Luiza Benício, pelo carinho, amizade, paciência, pelos conhecimentos compartilhados, alguns que até resultaram em construção de trabalhos acadêmicos. Muito obrigada amiga pelas longas conversas durante as madrugadas e por sempre me aconselhar e ouvir quando precisei desabafar e compartilhar minhas alegrias e tristezas.

Á minha irmã Kelly que apesar das brigas de vez em quando rs rs .. Eu a amo muito, e sempre estive ao meu lado disposta a me escutar e apoiar no que pudesse.

Aos professores e profissionais que conheci no Centro de Humanidades que contribuíram com minha formação pessoal e profissional.

MEU MUITO OBRIGADA A TODOS!

RESUMO

A Geografia é a ciência que tem como um dos seus objetos de estudo, o espaço; a Cartografia se constitui como uma técnica de representação do espaço real. Nessa perspectiva, é importante salientar que o ensino da cartografia escolar é de suma importância para a aprendizagem e desenvolvimento do aluno. Dessa maneira, a presente pesquisa teve como objetivo identificar as especificidades do ensino de Geografia para surdos, fazendo um recorte e tendo como foco os conteúdos cartográficos, buscando identificar quais são as dificuldades enfrentadas pelos professores em trabalhar os conteúdos cartográficos em sala de aula com Surdos. A metodologia iniciou-se com uma revisão de literatura, abordando materiais que dialogam sobre o tema proposto, tomando como referências os estudos de Lulkin (2016) Mantoan (2011) entre outros autores, como segunda etapa metodológica do estudo realizou-se uma pesquisa de campo em duas escolas da rede pública de ensino localizadas na cidade de Guarabira-PB, sendo uma da rede municipal, e outra da rede estadual. Diante dos dados coletados é perceptível que ainda são muito pertinentes as dificuldades na inclusão de alunos Surdos na escola de ensino regular, há problemas de infraestrutura nas escolas, nos currículos, que não contemplam as necessidades educacionais dos alunos, e, sobretudo problemas na formação docente. Assim, tais questões refletem na aprendizagem dos alunos, principalmente dos Surdos que possuem uma língua e cultura própria, necessitando de adaptações que ultrapassam a presença de um interprete de Libras, para que consigam compreender os conteúdos e relacionar o mesmo com seu cotidiano.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia. Cartografia. Surdez.

ABSTRACT

Geography is the science that has as one of its objects of study, space; the Cartography constitutes as a technique of representation of the real space. In this perspective, it is important to emphasize that the teaching of school cartography is of paramount importance for student learning and development. In this way, the present research had as objective to identify the specificities of the teaching of Geography for the deaf, making a cut and focusing on the cartographic contents, seeking to identify the difficulties faced by the teachers in working the cartographic contents in the classroom with the Deaf. The methodology began with a literature review, addressing materials that dialogue on the proposed theme, taking as reference the studies of Lulkin (2016) Mantoan (2011) among other authors, as a second methodological step of the study, a field survey was carried out at two public school schools located in the city of Guarabira-PB, one from the municipal network, and another from the state network. In view of the data collected it is noticeable that the difficulties in including deaf students in the regular school are still very pertinent, there are infrastructure problems in schools, curricula that do not address the educational needs of students, and especially problems in teacher training. Thus, these questions reflect in the learning of the students, especially the Deaf people who have their own language and culture, requiring adaptations that surpass the presence of an interpreter of Libras, so that they can understand the contents and relate the same with their daily life.

Keywords: geography teaching. Cartography. Deafness.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 A Cartografia nas aulas de Geografia.....	11
2.2 Libras e o Ensino de Geografia	15
3 METODOLOGIA	19
3.1 Caracterização da Escola Cidadã Integral José Soares de Carvalho	20
3.2 Caracterização do Centro Educacional Edvar do Toscano.....	21
3.3 Caracterização dos Participantes da Escola Cidadã Integral José Soares de Carvalho ..	21
3.4 Caracterização dos Participantes do Centro Educacional Edvar do Toscano	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS PROFESSORES	30
APÊNDICE B – FOTOS DA ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL JOSÉ SOARES DE CARVALHO	31
APÊNDICE C- FOTOS DO CENTRO EDUCACIONAL EDVARDO TOSCANO	32

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que a função do professor é conduzir os alunos no processo ensino aprendizagem, problematizando os conteúdos que de certa forma estão estabelecidos nos currículos, portanto, o professor necessita estar sempre pensando sobre suas práticas pedagógicas, de modo que, possa buscar metodologias diversas, as quais possibilitem ao aluno a percepção do significado de sua realidade. Para tanto, não apenas o professor, mas também a escola necessita se adequar as especificidades do seu público, propiciando adaptações no espaço educacional.

Essa necessidade e forma de conceber a prática educativa tornou-se mais urgente a partir do momento em que a Constituição Federal de 1988, estabeleceu o acesso à Educação Básica a todo e qualquer indivíduo da sociedade brasileira, como direito subjetivo fundamental. Como resultado dessa afirmação, a sociedade civil e os movimentos sociais em particular, lutaram em favor da criação de políticas públicas, pautados na defesa de uma Educação Inclusiva.

Em consonância com o documento supracitado, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) Lei Nº 9.394 de 1996, assegura o atendimento especializado às pessoas com necessidades especiais, suprindo dessa forma, as especificidades nos processos de ensino e de aprendizagem nessa modalidade educacional, com o objetivo de incluir os alunos com deficiências na rede regular de ensino, e orientar para que as escolas sejam capazes de garantir um acesso educacional especializado.

Desse modo, Lopes e Fabris (2017) acentuam que a inclusão deveria ocorrer independente dos espaços físicos, pois, faz-se necessário que haja relações interpessoais, ou seja, relações entre as pessoas. Nesse sentido, no que concerne à educação dos surdos, muitas questões precisam ser refletidas, a princípio, o próprio conhecimento da cultura surda.

Nessa perspectiva, é imprescindível salientar que a escola não conhece essa cultura e inclina-se a tratar os surdos apenas como deficientes que necessitam continuamente de proteção e cuidados, sendo vistos com capacidade de aprendizado reduzida, recorrendo a medidas de medicalização, na qual concebe os surdos como pessoas que precisam de correção na audição, não sendo vistos como cidadão de direitos e deveres que possuem sua cultura, língua, e formas de expressão, sendo eles capazes e independentes.

Tendo em vista essa problemática, a presente pesquisa tem como objetivo identificar as dificuldades e especificidades do ensino de surdos na Geografia, em particular, no que

concerne especificamente aos conteúdos da Cartografia, na rede regular de ensino. Como principais etapas metodológicas desse estudo, realizamos inicialmente uma revisão de literatura sobre os temas centrais desta pesquisa, tomando os estudos de Lulkin (2016), Mantoan (2011) Castrogiovani (2002) Lopes e Fabris (2017), dentre outros autores como referências fundamentais que abordam o tema em questão.

A relevância dos temas da Cartografia e da surdez nesse estudo, vale salientar, é pelo fato de observarmos algumas limitações na compreensão dos professores de Geografia acerca das especificidades que existe na linguagem cartográfica e na Libras, que possui um sistema linguístico completo com gramática própria, onde a transmissão de ideias e fatos ocorre através da comunicação visual motora, considerando os sinais e as expressões: corporal e facial.

De acordo com Simião (2011) a Cartografia utiliza-se de uma linguagem que busca não apenas uma visualização espacial, mas, uma forma de representação gráfica semiótica não verbal, como forma de transmissão visual de conhecimentos buscando analisar o espaço geográfico.

Ao considerarmos a relevância de um estudo sobre as implicações da Educação Inclusiva no ensino da Geografia e, mais especificamente, a consideração das especificidades da Libras e a linguagem cartográfica, foi que procuramos introduzir um pesquisa de campo sobre a prática dos professores de Geografia no ensino de surdos com foco nos conteúdos da Cartografia. Essa atividade se constitui como uma segunda etapa metodológica dessa pesquisa, no intuito de levantarmos elementos empíricos para constatar como os professores de Geografia da rede regular de ensino, lidam com a inclusão e com o ensino da Cartografia para Surdos.

Cabe destacar que existe uma escassez nos trabalhos desenvolvidos que envolvem essa temática e relação. Desse modo ressalta-se os estudos de Mazzarolo (2017) e Fonseca (2012). Por esta razão, considerando a importância e atualidade deste tema, e sobretudo as poucas pesquisas científicas e empíricas abordando o assunto em questão, torna-se relevante as discussões que apresentaremos para o ensino da Geografia, sobretudo da Cartografia.

Observando essas questões, a presente pesquisa é de suma importância para a contribuição do ensino da Geografia dentro da rede regular de ensino, isto porque nos leva a refletir criticamente sobre como vem acontecendo à inclusão em nossas escolas, e como podemos contribuir com esse processo no espaço escolar e no ensino.

O presente artigo iniciou-se com a revisão da literatura composta das principais fontes para realização desse estudo, na metodologia, iremos apresentar os procedimentos utilizados

para o desenvolvimento da pesquisa e na apresentação dos resultados pretendemos expor as principais questões e dados coletados nos campos de pesquisa selecionados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Cartografia nas aulas de Geografia

O espaço se constitui como umas das categorias de análise da Geografia, desse modo o mapa, que é considerado um dos produtos da Cartografia, é a ferramenta que auxilia o nosso estudo e compreensão desse espaço, pois nos traz elementos físicos, de localização dos lugares, aspectos culturais, políticos, paisagísticos, populacionais, etc. de uma determinada região.

Desde os povos primitivos que existe a necessidade dos seres humanos se comunicarem e se relacionarem entre si; antes do desenvolvimento da escrita, os desenhos em rochas, as chamadas pinturas rupestres era uma forma de comunicação não verbal, e através da qual no mundo primitivo o espaço era representado.

Já conforme a definição de Santos et al (2011, p.6) “ A Cartografia é a ciência que aborda o estudo e produção dos mapas, sua denominação procede dos vocábulos gregos *Chartins* = mapa e *Grphein* = escrita”. Esta ciência surgiu há muito tempo atrás e na antiguidade já era utilizada para delimitar territórios, rotas para pesca e caça, além dos registros que os povos que ali viviam faziam nas paredes das cavernas. Partindo dessa compreensão o mapa tinha um caráter de melhoria da sobrevivência entre outros aspectos.

Já Castrogiovani define a cartografia como:

O conjunto de estudos e operações lógico-matemáticas, técnicas, e artísticas que, a partir de observações diretas e da investigação de documentos e dados, intervém na construção de mapas, cartas, plantas e outras formas de representação, bem como no seu emprego pelo homem. Assim, a Cartografia é uma ciência, uma arte e uma técnica. (CASTROGIOVANI, 2002, p.32)

Ainda conforme as considerações de Castrogiovani (2002, p.37) “as maquetes, mapas, cartas e plantas são representações sociais de um determinado espaço real e representam uma organização dos elementos que compões o espaço”. Seguindo o pensamento do autor, podemos afirmar que estes recursos didáticos utilizam uma linguagem cartográfica.

Dessa forma, podemos afirmar que, se considerarmos os mapas e maquetes como recursos importantes no ensino da Geografia devemos atentar para a especificidade de sua

linguagem. Pois, enquanto recurso didático os mapas utilizam um tipo de linguagem específica: a linguagem cartográfica, tal linguagem é exibida por símbolos e requer do aluno domínio para ler e compreender o que esse tipo de linguagem quer dizer.

Para tanto, o professor precisa preparar metodologicamente sua aula e atividades para introduzir e dar acesso ao aluno a essa importante linguagem, contribuindo para sua aprendizagem nas aulas de Geografia. Almeida e Passiani (1992) ressaltam essa relevância do aluno saber construir e ler mapas, comparando-a com atividades tão importantes como aprender a ler e a escrever. Já Castrogiovanni (2002, p. 39) acrescenta que: “O aluno precisa ser preparado para “ler” representações cartográficas. Só lê mapas quem aprendeu a construí-los” (...).

É importante salientar ainda que, a cartografia se traduz como representação gráfica de um espaço real, entretanto, a mesma se utiliza de uma forma de linguagem que abarca uma diversidade de fenômenos e eventos, aproximando-se de uma perspectiva semiológica. Segundo Lara (1993, p.223): “A visão semiológica pretende ser global e genérica, não excluindo a priori fenômenos que englobem necessariamente a presença de signos quaisquer”. Essa linguagem emprega símbolos, projeções e escalas, tornando o mapa uma representação do espaço geográfico reduzida. No entanto, sua elaboração se constitui a partir do conhecimento do espaço e de sua codificação, transformando a imagem em um significado, ou melhor, em um conteúdo.

A linguagem cartográfica inicialmente está inserida fora do espaço escolar e do conhecimento científico, sobretudo porque o mapa está presente no nosso cotidiano, desde os mais elaborados até um mapa mental que podemos fazer mostrando o melhor trajeto da nossa casa até o centro da cidade.

A Cartografia é a ciência que nos ajuda a fazer essas leituras espaciais, no entanto é importante frisar que, o mapa passa por um processo de elaboração e que todas as questões que envolvem um determinado espaço nem sempre vão estar contempladas em um único mapa, um exemplo disso é o mapa turístico de uma determinada região, onde o que é posto para o leitor não contempla a verdade pura da região representada, e sim o que se deseja mostrar.

Representar o espaço é próprio da Cartografia, entretanto, o ato de representar aproxima tal ciência do campo da Geografia, uma vez que, os elementos de uma determinada representação gráfica são espaciais e característicos da ação humana, haja vista que, a interação homem x espaço é de interesse fundamental de estudo da ciência geográfica.

Atualmente, houve um grande desenvolvimento tecnológico na ciência Cartográfica, tornando-se esta indispensável no campo de estudo de diversas ciências (geologia, engenharia, etc.) para distintos fins de pesquisas e investigação. Porém, mesmo sendo uma ciência

interdisciplinar, na escola é utilizada na disciplina de Geografia, sobretudo, por possibilitar a sistematização dos conteúdos ajudando o aluno compreender os elementos gráficos, o processo de produção de um mapa e qual a relevância desse instrumento em nosso cotidiano.

Conforme Santos et al (2006, p. 177), “ dentro do ensino de Geografia o estudo da Cartografia deve ter destaque uma vez que este estudo revela como é feita a apropriação, construção e a re-construção do espaço geográfico”. Dessa maneira, o estudo do espaço sem o mapa não possibilita ao aluno a compreensão do espaço vivido por ele e nem do espaço geográfico como um todo.

A linguagem cartográfica traz uma representação gráfica do espaço real, de maneira não verbal e sequencial, mas, com capacidade de transmissão de conhecimentos. Por isso na Geografia, “(...) o mapa é utilizado tanto para investigação quanto para constatação de seus dados” (ALMEIDA; PASSIANI; 1992, p.16).

Por esta razão, a presença de mapas nos livros didáticos de Geografia é constante, todavia, esses mapas sempre vêm acompanhados por textos, o que constitui o mapa uma figura meramente ilustrativa e secundária no estudo de determinado conteúdo, sendo sua potencialidade linguística não explorada adequadamente. Desse modo, Simião (2011, p.87) nos alerta:

Se os mapas forem utilizados nas aulas de Geografia como uma linguagem visual, eles deixam de ser subutilizados e permitem a mobilização de outras habilidades e competências além da leitura e da linguagem verbal, seguramente necessária, favorecendo o ensino e também a aprendizagem.

Ademais, as aulas se tornam mais dinâmicas possibilitando interação entre professor e aluno, instigando-o a pensar sobre conceitos e se perguntar sobre questões pertinentes do espaço em que ele vive. Ainda conforme as considerações da autora supracitada, a percepção inicial dos fenômenos, da leitura e da visualização das informações do mapa, torna possível a discussão de um texto verbal, facilitando o entendimento necessário para correlações, pois, conforme o pensamento de Simião (2011), se a gramática e linguagem cartográfica são aplicadas corretamente, o mapa é capaz de transmitir o conteúdo pronto.

Se por um lado a linguagem visual contribui no processo de ensino e aprendizagem, a Cartografia por sua vez, facilita o entendimento dos conteúdos geográficos através de representações e recursos didáticos como: mapas, maquetes, globo, cartas topográficas, etc. Vale ressaltar que, a importância da Cartografia não deve estar limitada apenas aos recursos didáticos. Uma vez que a Geografia estuda recortes espaciais, os conhecimentos cartográficos,

aliados à leitura e à escrita, podem contribuir com o entendimento dos alunos sobre diversos temas de forma que possam se tornarem leitores críticos do espaço no qual estão inseridos.

Por meio da cartografia, busca-se o estudo do espaço geográfico, para assim compreender a organização do espaço mediante uma representação gráfica que transmite a ideia do real, a qual pode e deve ser uma ferramenta utilizada na escola pelos professores de Geografia, para que contribuam com uma educação significativa, que é um direito legal conquistado pela sociedade.

No que concerne à educação dos surdos, Câmara e Barbosa (2012) nos trazem uma importante reflexão sobre a aprendizagem desses sujeitos, e destaca o problema da alfabetização cartográfica, dificuldade que começa na Educação Básica e perpassa até a vida adulta, é recorrente o bloqueio na locomoção e orientação das pessoas nos espaços, é importante frisar que, essa dificuldade não atinge apenas pessoas surdas, mas, também ouvintes o que revela deficiência nos conhecimentos cartográficos, conteúdos imprescindíveis para a Geografia escolar.

Os autores Câmara e Barbosa (2012) argumentam que problemas na formação docente, contribuem com essa deficiência no trabalho com a Cartografia, além desse conteúdo ser pouco trabalhado em sala de aula por ser considerado difícil, há ainda a má utilização dos recursos didáticos, limitando o estudo e a compreensão dos alunos. Para os autores supracitados, a formação continuada, atualização nos recursos didáticos e das metodologias, poderiam ser uma via interessante para repensar novas práticas pedagógicas desconstruindo as tradicionais.

Entretanto, é evidente que o professor não pode ser considerado o único responsável por essa deficiência de atuação prática com a cartografia, pois, é preciso considerar o sistema educacional como um todo, visto que existem questões como, por exemplo, falta de materiais cartográficos adequados, e até mesmo de outros recursos didáticos, que impossibilitam o trabalho do professor, limitando-o apenas ao uso do livro didático.

Considerando o pensamento de Mazzarollo (2017), o mapa é o instrumento que une a Cartografia e a Geografia. Embora tais ciências sejam algumas vezes consideradas sinônimas, é importante atentar para suas distinções e especificidades, tal como nos mostra o autor: “Os mapas têm a função de informação para inúmeras pessoas e estas informações são organizadas pela Cartografia. A Geografia é a ciência que se apropria dos elementos que o mapa apresenta para seus estudos” (MAZZAROLLO 2017, p. 83).

Um outro aspecto relevante a se colocar, é o de que a Cartografia passou por um longo processo de desenvolvimento até chegar ao conhecimento que detém atualmente, o avanço

das tecnologias colaborou muito nesse sentido, melhorando a qualidade das técnicas utilizadas na Cartografia. Por outro lado, as mídias digitais se adequaram também para serem utilizadas nessa área, o que contribuiu na democratização de informações entre as pessoas.

No que concerne ao estudo da Cartografia na Geografia, Mazzarollo (2017) salienta que a linguagem cartográfica, apresenta elementos próprios e por utilizar signos para se comunicar, é uma linguagem fundamentada na semiótica, a qual estuda e analisa a linguagem como amplo fenômeno, considerando a sua vasta e variada possibilidade de significação.

Nascimento e Ludwing (2015, p.31) salientam que “A ciência Geográfica se utiliza da Cartografia para que as informações levantadas sejam representadas de modo sistematizado e, assim, se possa aprender sua disposição (distribuição e correlação) no espaço”. Compreende-se assim, que a Cartografia trabalha com dados sistematizados, enquanto a Geografia faz a leitura, análise e interpretações desses dados.

Os autores supracitados destacam a importância da Cartografia no ensino da Geografia, em todos os níveis da educação, uma vez que o raciocínio espacial dos estudantes se desenvolve com a junção destas ciências. A linguagem cartográfica quando utilizada corretamente contribui no aprendizado, além de possibilitar que os alunos possam ampliar sua visualização espacial, do tema que deseja ser abordado pelo professor.

Nas palavras de Nascimento e Ludwing (2015, p.32): “Estudar a linguagem cartográfica desde os primeiros anos escolares possibilita à criança desenvolver a percepção do seu espaço de vivência para, mais tarde, ter capacidades cognitivas mais complexas sobre suas aplicações e possibilidades de entendimento do espaço”. É através do estudo cartográfico desde a Educação Infantil que a criança vai começar a compreender e reconhecer seu espaço geográfico e estabelecer relações de vivências entre o conteúdo e a prática cotidiana.

Desta forma, entendemos que a Educação Inclusiva deve partir dos pressupostos da inclusão não apenas no que diz respeito ao acesso dos alunos a escola, mas também, nos conteúdos do ensino da Geografia, em particular na relação entre a Cartografia e a Libras, foco do presente estudo, no próximo item, discutiremos sobre o desenvolvimento da Libras e o ensino de Geografia.

2.2 Libras e o Ensino de Geografia

Na Antiguidade os surdos eram considerados sujeitos castigados por Deus. O filósofo Aristóteles acreditava que as pessoas surdas eram também mudas, por isso, não poderiam ser

treináveis, visto que para ele a consciência humana era alcançada por via dos sentidos. Para os Romanos os surdos que não falassem eram vistos como indivíduos sem direitos legais garantidos (MAURICIO,2010).

De acordo com Fonseca (2012) na Idade Média os surdos eram considerados loucos e incapazes. Por serem segregados da sociedade não possuíam direito a educação, a partir do século XVIII a educação para surdos começa a ser consolidada, e são criados diferentes métodos orais e gestuais. Os oralistas insistiam para que os surdos não se aceitassem com surdez, e adquirisse a fala, por outro lado os gestualistas compreendiam que os surdos possuíam sua linguagem própria, e esta era satisfatória para a comunicação entre eles.

Ainda conforme as considerações de Fonseca (2012) os avanços alcançados sobre as experiências didáticas na educação de surdos foram divulgados no ano de 1878 em Paris, onde ocorreu o primeiro Congresso Internacional Sobre Instrução de Surdos, alguns grupos sustentavam a ideia de que falar era melhor do que fazer uso de sinais, mas que estes também tinham sua relevância na comunicação.

O segundo congresso ocorreu em Milão no ano de 1880 e trouxe a política de erradicação da língua de sinais e conseqüentemente o afastamento de profissionais surdos das escolas. O congresso trouxe ainda a ideia da supremacia do oralismo que obteve êxito, enquanto a língua de sinais ficou inferiorizada. Nas escolas, práticas violentas foram adotadas para proibir a língua de sinais entre os alunos, que eram obrigados a ficarem sentados em cima das mãos, outra medida foi a retirada de janelas das portas das salas de aula para que não houvesse comunicação entre os surdos (LULKIN, 2016).

Durante um longo período a comunidade surda¹ foi excluída da escola e também de todos os espaços sociais, no entanto, muitas políticas públicas, leis e decretos foram criados para que a inclusão de pessoas com alguma deficiência se efetivasse, não só para a comunidade surda, mas também com foco em outras deficiências, com o objetivo de garantir os mesmos direitos e deveres das pessoas ditas “normais”. Na tentativa de educar os surdos algumas abordagens de ensino foram implantadas, muitas não obtiveram êxito.

Partindo das considerações de Oliveira e Figueiredo (2017) historicamente os surdos são situados em um contexto educacional que trazem ideias distorcidas sobre suas apacidades,

¹ Comunidade surda é integrada por surdos, família de surdos, interpretes e profissionais que trabalham com inclusão, além de pessoas que se identificam com a cultura surda.

a princípio a cultura dominante é ouvinte e esta enxerga o povo surdo² como indivíduos que precisam de intervenção médica para se “normalizar” não respeitando que os eles possuem sua língua e cultura, as quais são manifestadas diferentemente dos ouvintes. Desta forma, com o uso da Libras, não há impedimentos para que os surdos se desenvolvam plenamente.

O Oralismo priorizava a língua oral, isso porque historicamente a cultura ouvinte criou estereótipos de que a surdez deve ser vista como patologia, essa abordagem foi marcante até 1960, no entanto persistiu o seu fracasso até os dias atuais. A metodologia oralista colaborou para construir barreiras comunicativas entre surdos e ouvintes, por não considerar a Libras como língua natural dos surdos, em decorrência dessa metodologia, foi constatado altos números de desistência de alunos surdos das escolas. Posteriormente, surgiu à Comunicação Total outra abordagem que fracassou, esta juntava técnicas da língua oral, língua de sinais, e a datilologia³ pois acreditava-se que apenas a língua de sinais não era suficiente para garantir a interação dos surdos com o meio social (OLIVEIRA; FIGUEIREDO 2017).

Ainda seguindo o pensamento de Oliveira e Figueiredo (2017) após muita luta da comunidade surda para oficialização da Libras nas escolas, surge a Educação Inclusiva uma abordagem que promove mudanças inclusivas para atender as demandas de alunos com alguma necessidade educacional especial nos espaços educacionais. Entretanto, os autores salientam que a escola inclusiva trabalha com surdos ainda partindo da perspectiva do ouvinte, privilegiando a língua oral e a cultura ouvinte.

Sobre a escola inclusiva Mantoan (2011) acrescenta que o processo inclusivo precisa combinar a igualdade democrática de direitos, com as especificidades de cada indivíduo. O princípio da diferença não pode ser desconsiderado, pois é a partir dele que irá se garantir a reparação, no sentido de vislumbrar a igualdade entre os sujeitos, pois, todos os alunos independentemente de suas peculiaridades, possuem igualdade em suas capacidades de aprender.

Deve assim, o processo de ensino respeitar o tempo e as peculiaridades de cada aluno, a inclusão nas escolas brasileiras tem encontrado barreiras para se concretizar, visto que nossas escolas ainda possuem um caráter excludente e de segregação, uma das barreiras é a cultura assistencialista e terapêutica da educação especial (MANTOAN, 2011).

Ainda sobre a Educação Inclusiva Lopes e Fabris (2017, p.112) afirmam que “A educação (...) é na sua gênese inclusiva, mas os processos de educação da população é que

² Povo Surdo faz referência aos indivíduos que não estão no mesmo local mas estão ligados por uma mesma origem.

³ Datilologia é o alfabeto manual de surdos

passaram e passam por processos de segregação, exclusão em diferentes graus e tempos diferenciados”. Partindo dessa perspectiva é necessário refletir sobre os nossos conceitos e práticas educacionais, para que a inclusão seja efetivada na educação.

Considerando os estudos sobre a cultura e a língua dos surdos, surge uma abordagem para atender os interesses da comunidade surda: a Educação Bilíngue, que caracteriza a língua de sinais como primeira língua natural e de instrução dos surdos e a língua portuguesa como segunda língua. Como aborda Oliveira e Figueiredo (2017, p. 182)

A Educação Bilíngue para surdos enfatiza a relevância de a criança surda ser exposta o mais precocemente possível, a língua de sinais, no intuito de desenvolver suas capacidades e competências linguísticas no percurso natural da mesma forma que a criança ouvinte.

Fonseca e Torres (2014) chamam atenção para a qualidade do ensino e ressaltam que no processo inclusivo é necessário pensar metodologias para que todos os alunos possam aprender dentro de suas particularidades utilizando-se dos mesmos recursos didáticos como forma de promover inclusão.

A educação de surdos não pode ser dissociada de seu cotidiano, sua cultura e capacidades linguísticas, os surdos são assim como os ouvintes seres históricos e culturais, do mesmo modo o ensino dos conteúdos cartográficos na Geografia, que é uma ciência social, ao serem estudados devem estar ligados às questões da sociedade, tendo em vista que o homem não é apenas um elemento a mais na paisagem, ele é um agente transformador do espaço em que vive. Callai (2011, p. 58) salienta:

A Geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento.

Segundo Almeida (2011, p.13) a Geografia está fundamentada na análise da reorganização espacial. Portanto, recursos que possibilitam representar essa organização se configuram como importantes ferramentas de estudo da Geografia. Entre esses recursos estão os mapas, que segundo a autora supracitada “expressam ideias sobre o mundo, criadas em diversas culturas em épocas diferentes”. Haja vista essas questões, o professor de Geografia ao trabalhar o ensino do mapa precisa considerar que os alunos surdos possuem sua própria

cultura, e sua forma de ver o mundo, logo sua concepção de mapa e forma de representar o espaço por ele vivido é diferente do aluno ouvinte.

Callai (2011) salienta que é importante permitir que os alunos sejam capazes de construir seus conceitos a partir de suas condições de vida e seu convívio em família, pois é a partir de nossa realidade pessoal que se torna mais fácil compreender os fenômenos que ocorrem no espaço, tendo em vista que as experiências espaciais entre os sujeitos são diferentes, logo o processo de aprendizagem dos conteúdos da Geografia também não ocorrerão de maneira única, o conhecimento cotidiano que o aluno traz da sua vivência é capaz de superar conceitos prontos que é posto nos livros didáticos e ditados pelos professores em aula, nesse processo de construção de conhecimentos, com a ajuda do professor o aluno aprende e não fica preso a memorização.

Almeida (2011) coloca que na escola o uso de mapas não tem sido explorado adequadamente, na maioria das vezes servem apenas para ilustrar lugares e fenômenos que ocorrem nos locais, é perceptível a dificuldades que os alunos têm para entender o espaço como um todo, visto que esse espaço conta com uma representação que é um registro fora de sua memória.

Nesse sentido cabe ressaltar que os mapas são compostos de signos, e os surdos por fazerem uso da língua de sinais precisam ter acesso a materiais adaptados e que estejam dentro de sua realidade, sobretudo porque se essas questões não são consideradas, o mapa torna-se uma mera ilustração sem conteúdo e significado.

O domínio dos conhecimentos cartográficos é de extrema importância para o desenvolvimento do aluno, quando não há esse domínio o discente passa a ter uma visão limitada do espaço, visto que suas reflexões e conceitos serão apenas sobre os aspectos espaciais e territoriais já conhecidos e vivenciados (ALMEIDA, 2011).

3 METODOLOGIA

Após revisão bibliográfica que teve como objetivo discutir as ideias dos autores que abordam a temática, outra parte metodológica do presente artigo é a pesquisa de campo, que segundo Prestes (2008, p. 27) “(...) é aquela em que o pesquisador, através de questionários, entrevistas, protocolos verbais, observação, etc. coleta seus dados investigando os pesquisados no seu meio”. Conforme as considerações de Gil (2002) a pesquisa de campo apresenta relevância devido à experiência direta que o pesquisador tem com o ambiente

pesquisado, o que proporciona também maior confiabilidade nas respostas dadas pelos sujeitos que estão sendo pesquisados.

Portanto, essa etapa tem a intenção de coletar dados a partir de questionários abertos, realizados com os professores de Geografia, com o propósito de compreender se existe alguma dificuldade em trabalhar conteúdos cartográficos com alunos surdos, e se há dificuldades, quais são elas. As instituições escolhidas para a pesquisa foram duas escolas localizadas no município de Guarabira-PB, que possuem alunos surdos matriculados, uma da rede estadual de ensino e outra da rede municipal. Na coleta de dados foram entrevistados 3 professores e também 3 interpretes, isso considerando as duas instituições visitadas.

Na pesquisa foi possível observar alguns aspectos como: a relação pedagógica entre aluno e professor, bem como entre os alunos surdos e ouvintes, os recursos didáticos disponíveis nas escolas, as metodologias utilizadas pelos professores para trabalhar a disciplina de Geografia, em específico os conteúdos cartográficos, e quais recursos didáticos são utilizados especificamente com alunos surdos. Nos próximos itens descreveremos as escolas.

3.1 Caracterização da Escola Cidadã Integral José Soares de Carvalho

A Escola Cidadã Integral José Soares de Carvalho, funciona no regime integral e tem 2 alunos surdos matriculados, sendo uma aluna no 1º Ano do ensino médio um aluno no 3ºAno. O quadro de professores de Geografia da escola conta com 8 professores, sendo 4 efetivos e 2 que lecionam em turmas com aluno surdo, há também três interpretes de Libras. Com relação aos funcionários da equipe pedagógica, estes se dividem nas seguintes áreas: Humanas, Exatas e Ciências da natureza, bem como 1 conselho diretor, 1 conselho de classe, 1 conselho gestor, 1 associação de pais e um grêmio estudantil, que segundo informações dos alunos tem o intuito de discutir questões de interesse dos alunos. Sobre os outros setores mencionados acima não foi nos informado quem são os responsáveis nem qual a função específica de cada setor.

Sobre a infraestrutura do prédio podemos observar que os aspectos físicos que precisam ser melhorados, existem 20 salas de aula, 1 biblioteca, 1 quadro de esportes, 1 pátio, 1 refeitório, 1 cozinha, 1 laboratório de informática e 1 laboratório de química. Com relação à acessibilidade foi possível constatar que mesmo com a presença de alunos surdos não existe a Língua de Sinais nos espaços coletivos da escola, assim como cartazes, murais, dentre outros materiais, que são escritos apenas na Língua Portuguesa.

3.2 Caracterização do Centro Educacional Edvardo Toscano

O Centro Educacional Edvardo Toscano também funciona no município de Guarabira-PB, na Zona Urbana, funciona nos turnos manhã Ensino Fundamental I e no turno da tarde de Ensino Fundamental II. No que diz respeito à estrutura física do prédio o mesmo apresenta boas condições de infraestrutura, e possui 1 sala de informática, 12 salas de aula, 10 banheiros e 1 biblioteca, 1 sala do AEE (Atendimento Educacional Especializado).

A escola possui 2 alunos surdos matriculados, sendo um no turno manhã, e outro no turno tarde. Acerca do corpo docente, no turno tarde trabalha um professor de Geografia, o qual tem um aluno surdo em sua sala de aula, possui também 2 interpretes que trabalham exclusivamente com alunos surdos, e uma professora que leciona Libras para alunos surdos e ouvintes. De acordo com as informações da professora de Libras, a disciplina faz parte do currículo da escola, tendo por objetivo proporcionar a inclusão e quebrar as barreiras da comunicação entre surdos e ouvintes.

Sobre a acessibilidade foi possível observar que o prédio possui adaptações conforme as necessidades dos alunos, é perceptível também a presença da Língua de Sinais nas áreas comuns da escola, assim como recursos didáticos adaptados, como por exemplo: Atlas geográfico, Mapas com indicações dos estados Brasileiros não só em Português mais também em Libras, conforme informações da professora responsável pela disciplina, os materiais didáticos adaptados foram confeccionados por ela, através da percepção da carência desses materiais na escola e a necessidade dos alunos surdos em ter acesso aos conteúdos em materiais adaptados.

A sala do AEE (Atendimento Educacional Especializado) possui uma ótima estrutura física, com mesas e cadeiras disponíveis para todos os alunos, organizadas de forma que eles possam interagir entre si, além de um ar condicionado que possibilita um espaço agradável e aconchegante. Com relação aos recursos didáticos a sala disponibiliza: televisão, aparelho de som e DVD, quadro branco, além de muitos materiais sinalizados como: cartazes, murais e avisos, confeccionados pela professora que contribuem no aprendizado dos alunos e proporciona o contato direto com sua língua natural.

3.3 Caracterização dos Participantes da Escola Cidadã Integral José Soares de Carvalho

A escola estadual possui 8 professores de Geografia com formação na área, entretanto, apenas dois lecionam para surdos, um atua no 1º ano do Ensino Médio, e possui 1 aluno surdo matriculado, o outro no 3º ano também com 1 aluno surdo. Os intérpretes são responsáveis pela tradução dos conteúdos, assim como nos momentos de avaliação reúnem esses alunos em uma sala juntamente com mais 2 alunos que possui deficiência intelectual e prestam assistência durante a avaliação, segundo os intérpretes, essa metodologia proporciona melhor desempenho, além dos alunos se sentirem melhor.

Quadro1: Caracterização dos profissionais participantes

Profissionais	Quantitativo	Formação
Professores	2	Geografia
Intérpretes	3	2- Técnicos em Libras 1- Pedagogo e Técnica em Libras

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

3.4 Caracterização dos Participantes do Centro Educacional Edvardo Toscano

A escola conta com dois professores de Geografia um leciona no turno da manhã no Ensino Fundamental I, e outro no turno da tarde no Ensino Fundamental II no 6º ano a turma possui um aluno surdo, o intérprete é responsável em acompanhar esse aluno durante as aulas, assim como também nas avaliações, todas as atividades são realizadas de maneira inclusa com os demais alunos da turma, a professora de Libras é responsável em trabalhar a língua de sinais com todos os alunos também de maneira inclusa e os alunos surdos são acompanhados por intérpretes.

Quadro 2: Caracterização dos profissionais participantes

Profissionais	Quantitativo	Formação
Professores de Geografia	1	Não informada pelo participante
Interprete	1	1- Técnico em Libras
Professora de Libras	1	Pedagoga/ Espec. Libras

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a realização da coleta dos dados nas escolas, a partir de um questionário realizado com professores de Geografia e intérpretes, que considerou os aspectos sobre inclusão escolar, ensino de Geografia e em específico o ensino da cartografia para alunos surdos (Apêndice 1), realizamos uma leitura dos mesmos a fim de identificarmos nas respostas dos entrevistados quais seus conceitos sobre inclusão escolar, bem como as dificuldades ou não no ensino de conteúdos cartográficos para alunos surdos, os recursos didáticos utilizados nas aulas, e as metodologias inclusivas utilizadas para promover interação entre surdos e ouvintes.

No conjunto das amostras foi possível observar concordância na ideia do que eles entendem por inclusão escolar, que segundo os professores é:

Pra mim, inclusão escolar é fazer com que todos os alunos independente de suas diferenças possam estudar na mesma escola e partilhar dos mesmos espaços...mas, desde que sejam acompanhados de profissionais que lhes forneçam um atendimento especial...não é porque um aluno tem uma deficiência que ele deve ser separado dos demais. (PROFESSOR 01)

Eu acho que inclusão escolar é permitir que todos os alunos tenham acesso a escola... até porque isso é lei, e deve ser respeitada, não podemos discriminar ninguém. (PROFESSOR 02)

A inclusão pra mim ocorre quando os alunos com alguma deficiência são matriculados e mantidos na escola da rede regular de ensino... e quando há convívio entre os alunos sem preconceito e discriminação.. até porque educação é direito de todos... existe lei pra isso, e deve ser cumprida. (INTÉRPRETE 01)

Nessa primeira observação acerca da fala dos profissionais foi possível observar uma concordância sobre a concepção do que é inclusão na escola e qual sua relevância, tal como aborda Mantoan (2006) sobre inclusão, as escolas brasileiras têm enfrentado desafios no que diz respeito ao acesso e permanência dos alunos com deficiência nas escolas reconhecendo as diferenças, mas no sentido de valorização e não discriminação e segregação. Entretanto a autora chama atenção:

Temos muitos desafios a enfrentar para atingir a educação como direito de todos. Um deles é não permitir que esse direito seja traduzido meramente como cumprimento da obrigação de matricular e manter os alunos com necessidades educacionais especiais em classes comuns. (MANTOAN, 2006, p.35)

Desta forma é necessário atentarmos para o tipo de processo inclusivo que vem se efetivando em nossas escolas, visto que inclusão pressupõe igualdade de direitos e não apenas cumprimento de normas legais. Cabe destacar ainda que, há diferença entre integração e inclusão, a primeira faz referência ao direito de pessoas com necessidades especiais possam estar mais próximas possíveis de pessoas ditas “normais”, a inclusão por sua vez pressupõe acesso aos espaços, igualdade de direitos e deveres e respeito entre as pessoas.

Conforme as considerações de Mazzarollo (2017) a inclusão não está limitada apenas a atender alunos que apresentam alguma deficiência, a escola inclusiva é pensada para atender todos os alunos independente de suas especificidades, inclusive pessoas que por alguma razão venham precisar de uma adaptação temporária. Vale salientar ainda que, as opiniões dos professores entrevistados acerca do tema inclusão estão embasadas pelo tipo de formação acadêmica que tiveram, pela experiência cotidiana, além do sistema de ensino ao qual estão inseridos que contribuem para esse tipo visão e desenvolvimento acerca da profissão.

No que diz respeito às questões dos conteúdos da Cartografia, professores e intérpretes divergem em suas opiniões sobre a existência de dificuldades ao trabalhar conteúdos cartográficos com alunos surdos, conforme relatos dos professores não existem dificuldades

para os alunos surdos compreenderem os conteúdos trabalhados em sala de aula utilizando a mesma metodologia adotada para ouvintes, segundo o professor:

A cartografia trabalha com mapas... que é um recurso bastante visual, os alunos com surdez exploram bastante as figuras, então não há necessidade de mudança nas atividades ou metodologias, se há presença de intérpretes não há prejuízos na compreensão e aprendizagem desses alunos (PROFESSOR 01)

Considerando a fala do professor no que se refere ao ensino da Cartografia, é possível perceber certa limitação na compreensão dele sobre a surdez, visto que conforme as considerações dos intérpretes nenhuma interpretação é precisa. O surdo tem sua própria língua, cultura, e seu próprio universo além de apresentar diferenças no processo de aprendizagem, e isso deve ser considerado pelo professor, desse modo apenas à interpretação feita pelo intérprete não pode ser o único recurso para trabalhar determinado conteúdo com alunos surdos.

Os alunos surdos sentem-se como estrangeiros em seu próprio país onde o professor utiliza uma língua para se comunicar e o Surdo outra, neste caso, a ação do professor para com o aluno surdo deve utilizar estratégias visuais além de transmissão de conteúdos em língua de sinais. Aliada a ação do professor, a escola que se preocupa com a formação dos sujeitos independente de suas diferenças precisa pensar em um currículo que contemple de forma teórica e metodológica a aprendizagem de todos (MAZZAROLLO, 2017).

Desde a última década do século XX houve um crescimento do acesso de alunos com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino. Sabemos que esse aumento de acesso acarreta reformas e investimentos de diversas maneiras para assegurar a permanência, aprendizagem e desenvolvimento desses alunos. Nesse sentido, a formação continuada do professor é essencial e deve ser compromisso dos sistemas de ensino que estejam comprometidos com uma educação de qualidade. Desse modo, Mantoam (2006, p. 57) considera:

Os professores devem ser capazes de analisar os domínios de conhecimento atuais dos alunos as diferentes necessidades demandadas nos seus processos de aprendizagem, bem, com. Com base pelo menos nessas duas referências -elaborar atividades, criar ou adotar materiais, além de prever formas de avaliar os alunos para que as informações sirvam para retroalimentar seus planejamentos e aprimorar o atendimento dos alunos.

Dessa maneira, pensar os conhecimentos dos alunos sobre a Geografia dentro dos temas atuais é algo de extrema relevância visto que, é através dessa prática que o professor consegue captar elementos sobre como tem sido sua prática e sala de aula elaborando atividades e adaptando conteúdos, atribuições essas que não cabem apenas aos profissionais especializados como como coloca Mantoam (2006, p.58)

Os conhecimentos sobre ensino de alunos com necessidades educacionais especiais não podem ser de domínio apenas de alguns “especialistas”, e sim apropriados pelo maior número possível de profissionais da educação, idealmente por todos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa mostrou que ainda existem dificuldades na inclusão de alunos surdos na rede regular de ensino, há também problemas no que diz respeito à aprendizagem desses alunos com relação aos conteúdos cartográficos, uma vez que, muitos professores de Geografia em sua formação não cursaram a disciplina de Libras, por isso não conhecem a cultura surda e suas particularidades, ficando apenas na dependência do intérprete, o que dificulta pensar metodologias realmente inclusivas que possam proporcionar um momento de aprendizagem da turma em conjunto sem a segregação entre surdos e ouvintes

A Geografia é uma ciência social de suma importância para a formação cidadã do indivíduo, é através dela enquanto disciplina que o aluno conhece o espaço, as paisagens que são capazes de revelar suas vivências, crenças e culturas, sendo também por meio das relações espaciais que o aluno consegue compreender o mundo em que ele vive, ou seja, é através da geografia que o sujeito passa a perceber-se dentro do universo.

A relevância deste estudo contribuiu para refletirmos sobre algumas questões, sobretudo a prática pedagógica dos professores de Geografia, que ainda precisa ser melhorada do ponto de vista da formação para trabalhar com alunos surdos. É importante ressaltar que houve um avanço significativo no que diz respeito ao acesso aos surdos as escolas comuns, foram criadas políticas públicas, leis, decretos fomentando a inclusão do surdo na sociedade, entretanto, existem algumas lacunas em nosso conceito de inclusão que tem mostrado limitações, e tem se restringido a mera integração de alunos com alguma necessidade educacional especial a rede regular de ensino.

Desta forma acreditamos que é possível construir uma escola inclusiva, a qual colabore positivamente para o desenvolvimento de todos os seus alunos, para tanto é preciso mudar nossa prática pedagógica, nossas metodologias de ensino e nosso conhecimento acerca da surdez. É evidente que essas mudanças não podem e nem devem ficar restritas á escola, mas se estenderem ao sistema educacional como um todo investindo na infraestrutura das escolas, no currículo, e, sobretudo na formação docente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosângela Doin; PASSIANI, Elza Yazuko. **O espaço geográfico: Ensino e Representação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1992.
- BRASIL. Constituição Federal da República Federativa do Brasil. Brasília, Senado 1988.
- _____. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação Nacional**, Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm> Acesso em: 01 Set.2018.
- CÂMARA, Camila de Freitas; BARBOSA Maria Edivani Silva. **Abordagem cartográfica no ensino de Geografia: reflexões para o ensino fundamental**. Uberlândia, v.3, n.5 p. 31-53 Jul/dez 2012
- CASTROGIOVANI, Antônio Carlos. **Apreensão e compreensão do espaço geográfico**. In: _____(org.). Ensino de geografia, 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002, p. 11-79.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, políticas, na Área das necessidades Educativas Especiais**. Salamanca- Espanha, 1994.
- FONSECA, Ricardo Lopes. **Praticando Geografia com alunos surdos e ouvintes: uma contribuição para o ensino de geografia**. 193 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual de Londrina – Centro de Ciências Exatas. Londrina, 2012.
- LARA, Marilda Lopes Ginez de. **Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para análise das linguagens documentárias**. V.22, n.3, p. 223-226, 1993.
- LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Elin Henn. **Inclusão e educação**. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017.
- LULKIN, Sérgio Andres. O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 33-50.
- MANTOAN. Maria Tereza Eglér. Inclusão Escolar: Caminhos, desafios, perspectivas. In:_____. (org.). **O desafio das diferenças nas escolas**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p.21-41.
- MAZAROLLO, Thiago Rafael. **Sinalizando a Cartografia para dar sentido na Geografia para surdos**. 2017. 173f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade do Oeste do Paraná, Paraná, 24 Maio de 2017.
- NASCIMENTO, Ederson Nascimento; LUDWING, Aline Beatriz. **A educação cartográfica no ensino- aprendizagem de Geografia: reflexões e experiências**. Chapecó. V.19, n, 3, set/dez 2015.
- PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin Lílian. **Fundamentos da Educação de Surdos**. UFSC, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin>>

/adl/fb/logs/Arquivos/textos/fundamentos/Fundamentos_da_Educ_Surdos.pdf>. Acesso em: 29 de Ago. 2018.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a contribuição do conhecimento científico**. São Paulo: Rêspel, 2008, 260 p.

SANTOS, Cátia. et all. **A Cartografia e o ensino da Geografia**. Revista Geográfica de América Centra, número especial, EGAL, Costa Rica. II semestre de 2011. p. 1-15.

SANTOS, Daniel. et al. **A importância da utilização dos mapas como instrumento de ensino/aprendizagem na Geografia escolar**.Uberlândia.v.7, n.17, p.176-179, Fev 2006.

SIMIÃO, Helaine Cordeiro Rodrigues. **A linguagem cartográfica no ensino de Geografia**. In: COLÓQUIO DE CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS E ESCOLARES, 7, Vitória. Anais... 2011. p.84-107.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS PROFESSORES

1-O que você entende por Inclusão escolar? E qual sua importância para a convivência dos alunos?

2-Sobre os conteúdos cartográficos qual a importância desses conteúdos para a disciplina e para a formação do alunos?

3-Você tem alunos surdos? Como é a convivência deles com os alunos ouvintes

4-Você acha importante adaptar atividades para alunos surdos? Ou isto fica sobre responsabilidade do intérprete?

5-Sobre os interpretes qual a importância de presença deles em sala de aula, como contribuem na aprendizagem dos alunos e qual a relação pedagógica entre intérpretes e alunos?

APÊNDICE B – FOTOS DA ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL JOSÉ SOARES DE CARVALHO

Foto 01: Secretaria



Fonte: Pesquisa de campo da autora

Foto 02: Sala de aula de Geografia



Fonte: Pesquisa de campo da autora

Foto 03: Pátio principal da Escola



Fonte: Pesquisa de campo da autora

Foto 04: Pátio principal da Escola



Fonte: Pesquisa de campo da autora

Foto 05: Sala da Direção



Fonte: Pesquisa de campo da autora

Foto 06: Sala de Planejamento



Fonte: Pesquisa de campo da autora

APÊNDICE C- FOTOS DO CENTRO EDUCACIONAL EDVARDO TOSCANO

Foto 01: Sala de Rádio



Fonte: Pesquisa de campo da autora

Foto 02: Sala do AEE



Fonte: Pesquisa de campo da autora

Foto 03: Cantinho da Leitura



Fonte: Pesquisa de campo da autora

Foto 04: Calendário em Libras



Fonte: Pesquisa de Campo da autora